

A INFLUÊNCIA DO EMPODERAMENTO CRESPO E CACHEADO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIOCULTURAL DO INDIVÍDUO NO SÉCULO XXI.

Jemima Quezia Souza Silva

Graduanda do curso de História, UNEAL
quezia.mima.jemima7@gmail.com

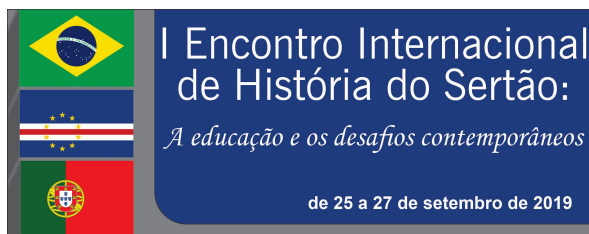
RESUMO

O presente artigo tem como principal intenção demonstrar as diversas áreas em que o empoderamento das características remanescentes pode influenciar no desenvolvimento e/ou construção sociocultural do indivíduo no século XXI. Visto que, a negação da característica, tendo como fator predominante a negritude, possui relação de causa/consequência direta com o racismo e marginalização da identidade afro-brasileira. A implantação do pensamento de degradação do cabelo crespo e cacheado não é atual, e sim, o resultado aniquilador da imagem do negro na sociedade, no qual, através da escravatura sofre uma desvalorização de sua identidade. A metodologia a ser desenvolvida está ancorada no método bibliográfico e na pesquisa exploratória dialogando com a história da identidade afro-brasileira e como a aceitação dessas raízes influencia no desenvolvimento sociocultural do cidadão. Como subsidio teórico, este estudo discute, principalmente, com Freyre (2003), Gomes (2002), Schwarcz (1993), entre outros. Através da interação cada dia mais tecnológica do indivíduo com o mundo, é possível fazer uma análise a partir da ascensão que o movimento da estética afrodiáspórica teve nas redes sociais e de que forma esse crescimento beneficia na aceitação da identidade negra socialmente.

Palavras-chave: Empoderamento, identidade, negritude.

Introdução

Ao falar sobre empoderamento feminino é improvável pensar em apenas um assunto ou direcionar em um só sentido. É semelhante a um rio que corre e possui diversas afluentes. Evidentemente, o cabelo é um das partes do corpo mais visíveis, baseado em culturas de base ocidental, como a brasileira, e por esses, e outros motivos que serão aqui explorados, é um



componente que possui uma forte carga de identidade do indivíduo resultando em uma preocupação estética.

É necessário compreender a importância da diversidade na construção do indivíduo perante a sociedade e de que forma essa diversidade está enraizada na estética brasileira. Ao decurso da história, aspectos fenotípicos afro-brasileiros foram ridicularizados ou inferiorizados pela massa dominante. Onde, ao passo que o negro possuía o cabelo “duro”, “ruim”, e “difícil de ser cuidado”, o branco, preeminentemente possuía o cabelo “maleável”, “bom” e “mais prático para cuidado”.

Para Gandhi, “Temos de nos tornar a mudança que queremos ver.”, ou seja, se as características que predominam no indivíduo não é aceita perante a sociedade e em seu interior, a mudança feita por ele será baseada naquilo que acha desejar, que no caso em questão, seria os padrões aceitos de maneira uniforme pelo meio social onde vive. O cabelo é um dos aspectos importantes para apontar o pertencimento a determinado grupo ou reconhecimento como integrante dele. Mudar essa característica, apenas para inserir-se a padrões, seria afastar-se de sua identidade negando suas raízes.

Porém, com o avanço da modernidade, um grande êxodo capilar, da progressiva para a tesoura, eclodiu sobre forte influência das mídias sociais. No qual, abre espaço de fala para depoimentos, relatando as experiências que a aceitação do cabelo crespo/cacheado despertou. Essa avalanche de empoderamento induziu no despertar das marcas de produtos estéticos para a criação de produtos capilares que contemplassem e enaltecessem o cabelo afro e toda sua beleza.

Colonização como percussora da opressão

A colonização brasileira foi exposta a intensa exploração do Estado português que tinha a intenção de estendê-lo sendo financiada por comerciantes e banqueiros europeus. Como visto na obra “Raízes do Brasil” de Sérgio Buarque (1995):

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavoráveis e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.(...) parece participar de um



sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem. (BUARQUE, 1995, p.31)

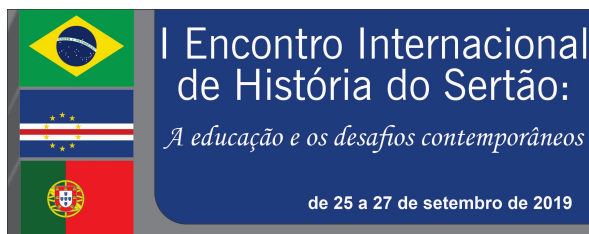
No século XVI, com a elevada demanda de trabalho a mão de obra tornou-se escassa para as fazendas fabricante de açúcar no Brasil. Foi permitido, então, início ao tráfico negreiro. Tal atividade dependia diretamente da troca de mercadoria por africanos que posteriormente eram forçados a sair de suas terras de forma brutal para serem expostos a escravidão. Na obra “Casa-grande & Senzala”, Freyre (2003) afirma que a negociação dos negros ocorre pela carência de técnicos em trabalho de metal para as minas, visto que o trabalho manual era demonizado pela sociedade colonizadora e falta de mulheres na colônia era evidente.

Já no contexto da colonização espanhola, o autor faz menção dessa entrada do negro pela baixa populacional indígena, consequência das diversas guerras travadas pelos povos e as doenças trazidas deliberadamente pelos europeus para aniquilação dos nativos. A população brasileira foi concebida por milhares de africanos como os bantos, os bacongos e os nagôs. As particularidades fenotípicas desses povos são: pele negra, alto porte e cabelos crespo. Freyre (2003) faz nota aos povos, em específico, os bantos:

Dos negros importados para o Brasil podem-se incluir os Banto - sem contar exceções, consideradas apenas as grandes massas étnicas – entre os mais caracteristicamente negros, pelo que não significamos a cor – convenção quase sem importância – e sim traços de caracterização étnica mais profunda: o cabelo em primeiro lugar. Este, como se sabe, mostra-se encarapinhadíssimo (...) enquanto os fulos e outros povos da África oriental que contribuíram para a formação da família brasileira se filiam pelo cabelo cynotrichi. Cabelo mais suave. Nariz mais afilado,. Traços mais próximos dos europeus (FREYRE 2003, p.387).

Freyre (2003) analisa que alguns investigadores norte-americanos constatavam que o crânio de alguns negros eram mais leve e menor que o do europeu. Com isso, surge a associação da anatomia africana à de um chimpanzé e usando essas comparações como justificativa para a diminuir intelectualmente e culturalmente os diversos povos africanos.

Foi por meio do impiedoso regime escravocrata e supremacia do colonizador que ocorreu a coisificação do africanos e exclusão da sua figura no país. Nilma Gomes (2002), autora do artigo “Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”, expõe essa tensão existente:



Quando pensamos nos africanos escravizados e trazidos para o Brasil, sempre vem à nossa mente o processo de coisificação do escravo materializado nas relações sociais daquele momento histórico. Esse processo se objetivava não só na condição escrava, mas na forma como os senhores se relacionavam com o corpo dos escravos e como os tratavam: os castigos corporais, os açoites, as marcas a ferro, a mutilação do corpo, os abusos sexuais são alguns exemplos desse tratamento (GOMES, 2002, p. 40).

A relação entre escravo e senhor ultrapassava as relações de explorações no trabalho. O escravo tinha seu corpo explorado de todas as formas mais cruéis possíveis. Como observado pela autora, diante do colonizador, o negro passa ser visto como “negro bom” ou “negro ruim”. Onde o “negro bom” era aquele que seguia as ordens sem sinal de rebeldia, já o “negro ruim” precisava ser “domado”, levando a desvalorização e degradação do corpo negro por intermédio das diversas punições aplicadas a ele, além da exploração sexual, que até hoje tem como carga histórica expressões como “da cor do pecado”.

O conceito de cabelo ruim e suas dimensões

Expressões como: cabelo ruim, pixaim, cabelo duro, Bombril, são expressões usadas são comuns para nomear o cabelo crespo/cacheado. Como visto, historicamente, o estigma da cor é carregado pelo corpo negro. Entre o que é “bom” ou “ruim”, recaem sobre esses povos toda classificação do negativo. Ou seja, à medida que o índice dos traços de negritude for aumentando define o grau de discriminação que esse indivíduo sofrerá.

Com isso, a parcela da população que se encaixava nos parâmetros discriminatórios procurou embranquecesse cada dia mais. Procedimentos como alisamento, progressiva, selagem, entre outros ganham espaço na vida dessas pessoas, mas não como decisão libertadora e sim na intenção de dar um aspecto menos volumoso e linear aos fios.

Gomes (2002) indica um exemplo de agressão com a exigência de raspagem do cabelo que para o escravo ou escrava era alegoria de ablação de suas raízes, “pois nas etnias africanas o cabelo era considerado uma marca de identidade e dignidade” (GOMES, 2002, p.7). Esse conflito é notável de forma mais intensa no gênero feminino, dada a imposição em estar sempre bela, alinhada e nos padrões hollywoodianos. Representando uma prisão de sua identidade.



O eugenismo, tratou de agrupar a raça negra como condenação que deveria ser distanciada e, de certa forma, exterminada da representação humana. Foucault (1997), diferentemente, comprova ao identificar na ascendência do racismo a exclusão dos corpos negros das ameaças de poder.

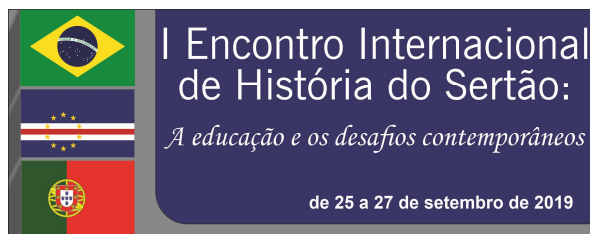
Tal alegação usufruía de base científica para embasar o eugenismo. SCHWARCZ (1993) fala sobre a crença de que o progresso e a civilização eram inevitáveis, e a conclusão de que a mistura de espécie heterogêneas eram sempre um erro que ocasionava não só, a degradação do indivíduo como de toda a coletividade. Surgindo a partir disso o processo de embranquecimento da população transformando a aceitação mais fácil do negro que possuísse padrões estéticos mais próximos da estética branca caucasiana. Daí o alto índice de mulheres negras com o cabelo alisado.

A onda de empoderamento crespo/cacheado no mercado estético

Durante análise feita em pesquisa, foi possível observar que ao ser questionadas sobre o que auxiliou no processo de aceitação as respostas, ainda que com suas marcas de personalidade, foram unânimes. As justificativas para reprovação do seu cabelo natural estavam voltadas para a falta de representação e espaço de fala. Porém, foi através do avanço tecnológico que essa situação foi alterada.

A onda crescente de blogueiras disseminou e tratou do assunto de forma mais leve e cotidiana. Foi isso que aproximou histórias, dicas e ensinamentos. Disso surgiu a profissão “blogueira”, elas possuem a função de amiga, psicóloga e conselheira. A partir disso, movimentos de retorno ao cabelo natural e aceitação dele surgiu e foi denominado como transição capilar que é o período em que o uso de química é retirado da rotina capilar do indivíduo.

Rayza Nicácio, blogueira e youtuber, conhecida por suas dicas e ensinamentos fala ao G1 que a transição capilar pode ocorrer por diversas formas e “para ajudar na definição do cabelo nessa fase, existem vários métodos de texturização e finalização, que amenizam as texturas tão diferentes do cabelo em transição” (NICÁCIO, 2016). Ela também aponta que a mudança externa é importante, mas é interna que define como esse processo será “Então



mentalize que esse momento é passageiro e logo você não vai precisar mais esconder a identidade real do seu cabelo” (NICÁCIO, 2016).

O crescimento de adeptas ao cabelo crespo/cacheado foi tanto que construiu um novo cenário para as indústrias de cosméticos. É possível observar a modificação na forma como as marcas tratavam e como tratam, agora, após o forte número de oferta e procura. Como podemos observar abaixo:

Figura I – Creme para pentear para cabelos cacheado



Fonte: www.americanas.com.br/produto

É notável a forma como a marca referia-se ao cabelo cacheado como algo que precisava ser domado. Em testemunho de internautas, é presente essa classificação do cabelo como algo rebelde que precisa ser controlado e tal afirmação possuía apoio do mercado estéticos brasileiro.

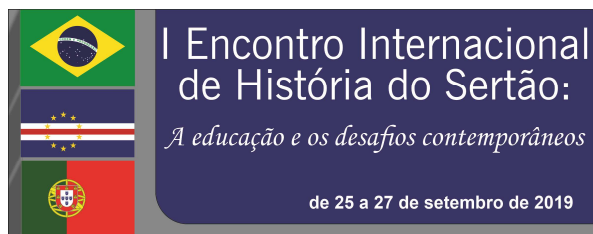


Figura II - Creme para pentear para cabelos cacheados

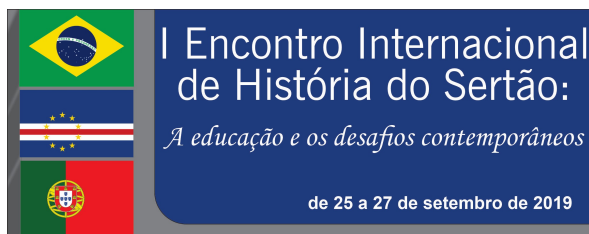


Fonte: www.americanas.com.br/produto

Figura III – Creme para pentear para cabelos crespo/cacheado



Fonte: www.americanas.com.br/produto



Entretanto, após a forte influência de personalidades há uma reformulação nas embalagens de produtos estéticos, expressões como “eu amo cachos”, “volume valorizado” entre outras, domina o mercado.

Considerações finais

Com base no que foi apresentado, vemos a importância que o empoderamento crespo/cacheado teve e tem para a construção da identidade sociocultural do indivíduo, visto que, a aceitação de suas características naturais reforçam e desenvolvem a aceitação da identidade dele. Não somente pela busca de estar no padrão ou de influência do mercado publicitário, mas sim, consequência da compreensão de que o cabelo crespo/cacheado deve ser aceito e não renegado e julgado.

Inicialmente, vimos que a opinião que foi construída sobre o cabelo afro-brasileiro é resultado da forma cruel e desumana que os escravos foram tratados no Brasil e em como toda e qualquer característica afro foi diminuída ao ponto de ser considerada insulto tê-la. A corrida para o embranquecimento populacional foi outro motivo causador do crescimento da cultura lisa e dependente da progressiva. Gerando uma supremacia do cabelo liso e a exclusão do cabelo afro nos espaços midiáticos.

Porém, é através da forte migração da televisão para o computador e meios de comunicação independentes que essa parte enorme da população pode ser ouvida e entendida. Parece ter sido um rápido processo mas a desconstrução da ditadura lisa ainda está em processo de crescimento e a muito o que modificar.

Referências

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade – vol. I. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala – Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: 48ª ed., Global, 2003.



G1.com. **Apaixone-se por seus cabelos com Rayza Nicácio.** São Paulo, 06 de julho de 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/especial-publicitario/farmacias-pague-menos/encontro-de-mulheres/noticia/2016-07/apaixone-se-por-seus-cabelos-com-rayza-nicacio.html>>.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolo da identidade negra.** Belo Horizonte, 2002. Artigo disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2002/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>>.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.